

Globofricção (cap. 26)

A *Globofricção* captura uma das características mais marcantes da nossa época: a atração e repulsão simultâneas entre blocos económicos. Por um lado, esses blocos competem pela liderança tecnológica, cientes de que os benefícios associados vão muito além daqueles atualmente colhidos pelas empresas líderes em inovação. Historicamente, os países que lideraram uma revolução económica acabaram a consolidar-se como potências globais nas décadas seguintes. Por outro lado, os blocos económicos permanecem profundamente interligados por meio de interdependências comerciais e financeiras. Essa é a força da globalização, cujos benefícios são bem conhecidos e permanecem muito presentes.

Não restam dúvidas de que os atritos se intensificaram nos últimos anos, à medida que o potencial disruptivo das novas tecnologias se tornou mais evidente e a capacidade de liderar o novo ciclo económico deixou de estar nas mãos de uma única potência, nomeadamente os Estados Unidos. O aumento das barreiras comerciais em escala global é provavelmente um dos fenómenos que melhor ilustra este aspeto. Embora possa parecer um fenómeno recente, não o é. O número de medidas contra a liberalização do comércio começou a crescer há mais de uma década, durante a crise financeira, e tem continuado a aumentar desde então, afetando governos de todas as nuances políticas até que a antiga ordem internacional e as instituições que a sustentavam se tornaram obsoletas. Contudo, a diplomacia com que alguns agiram não se compara à audácia e ao desprezo demonstrados por outros.

Os índices de incerteza económica e geopolítica refletem claramente as consequências desses atritos entre potências. Ambos têm apresentado uma tendência ascendente há vários anos, com picos acentuados associados a cada episódio de tensão. No entanto, em perspetiva, esses episódios tendem a ser relativamente breves. As ameaças intensificam-se até que os laços profundos que ainda nos unem se tornem evidentes. Até ao momento, o poder da globalização tem ajudado a mitigar esses atritos. Em 2025, o conflito comercial crescente entre os Estados Unidos e a China terminou quando a sua interdependência ficou clara: um precisa dos minerais críticos do outro; o outro precisa de um grande mercado para exportar com o objetivo de continuar a crescer. Para este ano, esperamos que a guerra no Médio Oriente termine após ficar claro que todos precisam que as mercadorias circulem livremente pelo Estreito de Ormuz.

A luta para liderar a nova economia – ou, pelo menos, para não ficar excessivamente para trás – também resultou numa deterioração notável das finanças públicas. A pressão para implementar políticas de estímulo e de transformação económica continuou a aumentar e, com ela, a dívida pública de muitos países de referência, que atingiu níveis historicamente elevados. Além disso, em vários casos não existem sinais claros de correção nos próximos anos. Na esfera monetária, a pressão política sobre alguns bancos centrais de referência também se intensificou, embora, de momento, a sua independência permaneça intacta.

A globalização (neste caso a globalização financeira) foi provavelmente crucial para evitar danos maiores. Quando surgiram tentações de implementar políticas fiscais flagrantemente irresponsáveis ou de questionar a independência dos bancos centrais, a reação dos mercados financeiros internacionais foi rápida e, por vezes, decisiva. Basta lembrar a lição aprendida por Liz Truss, que não durou nem dois meses no cargo.

Enquanto a disputa pela liderança na nova economia permanecer em aberto, é provável que o atrito entre as principais potências económicas ressurgirá. O acordo entre os Estados Unidos e a China tem duração de apenas um ano; a ameaça americana de anexar a Gronelândia continua latente, e o capítulo «Cuba» pode ser reaberto a qualquer momento. A *Globofricção* certamente terá novos episódios. *Spoiler alert*: tudo indica que a força da globalização continuará a impor os seus limites. Aliás, o impulso que a União Europeia – esse espaço económico e democrático de liberdade que muitas vezes gera mais ceticismo do que entusiasmo, que raramente figura nas previsões de liderança da nova economia, mas no qual temos a sorte de viver – está a dar aos acordos de livre comércio é especialmente relevante nesse contexto.